

## O LUGAR DA PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE

*Nadiá Paulo Ferreira  
Eliaana Luiza dos Santos Barros*

Nesse mundo dito ou mal-dito pós-moderno comparece uma overdose de ofertas de psicoterapias, vidências e esoterismos, em que se vende a qualquer preço a Promessa de Felicidade. O texto de uma filipeta, que estava sendo distribuída pelas ruas de Ipanema, ilustra bem o comércio de ilusões:

Saiba o porquê dos seus males e desamores, obtendo a solução de seus problemas através do caminho do amor e da vitória. Não se deixe dominar, julgando-se vencido. Se desejar destruir algum mal que o perturba, fazer voltar alguém que tenha se afastado, facilitar um casamento difícil, resolver questões em demanda, doenças, enfim qualquer assunto espiritual. Ame o momento silencioso de sua meditação em busca da felicidade. A finalidade de cada um é obter êxito em tudo.

Em 1893, antes da descoberta da psicanálise, no texto “A psicoterapia da histeria”, Freud (1893/1996) já anuncia sua prevenção em relação à Promessa de Felicidade.

Quando prometo a meus pacientes ajuda ou melhora por meio de um tratamento catártico, muitas vezes me defronto com a seguinte objeção: “Ora, o senhor mesmo me diz que minha doença provavelmente está relacionada com as circunstâncias e os acontecimentos de minha vida. O senhor, de qualquer maneira, não pode alterá-los. Como se propõe ajudar-me, então?” E tem-me sido possível dar esta resposta: “Sem dúvida o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de sua doença. Mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histórico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade.” (FREUD, 1893/1996, p. 316)

Esse prenúncio se confirma muitos anos mais tarde, quando escreve “O mal-estar na civilização” (1930[1929]/ 1996):

Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e

impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos faticamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes. (FREUD, 1930 [1929]/1996, p, 84-85)

Na contramão da dádiva de “felizes para sempre”, a psicanálise insiste na ética do desejo, perseverando na seguinte questão: — Agiste segundo teu desejo? Estamos diante de uma pergunta que não se deixa calar, já que todo desejo, recalcado pelo eu, amordaça uma fala, produzindo, sob a forma de sintoma (disfarce), sofrimentos que se tornam fontes inesgotáveis de gozo.

A lingüística – ciência que tem como objeto a língua, que Lacan escreve juntando o artigo e o substantivo em uma só palavra: *alíngua*, sustenta que há comunicação. Para Lacan, a linguagem só produz equívoco, mal-entendido.

Os discursos que predominam em nossa época se organizam em torno do usufruto de gozo, excluindo, assim, de uma só tacada, a singularidade do sujeito e sua relação com uma falta original, ou seja, com sua própria natureza. É nesse sentido que Lacan afirma que desejar é lamentar o que falta.

O lugar da psicanálise no mundo contemporâneo não deixa de ser perturbador, já que a visada de sua clínica é a implicação do sujeito com seus sintomas, possibilitando, assim, a produção de um saber que ele não sabe, ainda, mas que poderá vir a saber, libertando-se da paixão pela ignorância. A partir daí, o gozo retirado do sintoma é substituído pelo desejo de saber e de dizer a verdade não-toda, porque, como nos ensina Lacan (1993), “dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real.” (LACAN, 1993, p. 11).

Se a psicanálise não tem nada a fazer com a dor de existir, efeito da própria estrutura — S (%) — ela tem muito a fazer em relação ao sofrimento. Lacan (1993),

em um programa na televisão francesa, no que diz respeito à cura do tratamento analítico, afirma que “a cura é uma demanda que parte da voz do sofredor, de alguém que sofre de seu corpo ou de seu pensamento.” (LACAN, 1993, p. 19-20). E a via para curar o padecer da alma é a prática de uma análise que tem como visada bem-dizer o sintoma. Mas para isto é preciso que o psicanalista tenha por orientação o trabalhador incansável chamado por Freud de inconsciente. Esse trabalhador está sempre a produzir um saber que não se sabe, um saber “que não pensa, nem calcula, nem julga” (LACAN, 1993, p, 31), um saber que insiste em ser escutado, a fim de que haja um reviramento da posição do sujeito diante do seu desejo e da singularidade do seu gozo.

Mas quem quer saber do desejo em nossa época? Para a psicanálise, o desejo não se confunde com necessidade, a qual pode ser satisfeita por um objeto. O desejo é de outra ordem. Ele não tem objeto e se estrutura como desejo do desejo do Outro, o qual, aliás, só pode ser apreendido de forma confusa e enigmática. Seu regime é a insistência. Mesmo sendo recalçado pelo eu, o desejo sempre retorna nos sintomas e nas formações discursivas do inconsciente: sonhos, atos falhos e esquecimentos.

O desejo se sustenta na irrealização cuja causa é falo. Não há o falo como objeto do desejo. Há o objeto *a* como objeto causa do desejo e como mais gozar. Só que o objeto *a*, como objeto parcial, inviabiliza qualquer experiência de gozo pleno. Aliás, é justamente por isso que se engendra a fantasia de um gozo a mais...

Diante do que seria a realização de um desejo, o sujeito se confronta com outra coisa. A origem do desejo está na Lei, que introduz a falta como pura falta. Fernando Pessoa (1977) sempre soube que desejo e falta sempre caminham juntos:

Não quero rosas, desde que haja rosas.  
Quero-as só quando não as possa haver.  
Que hei-de fazer das coisas  
Que qualquer mão pode colher?

Não quero a noite senão quando a aurora  
A fez em ouro e azul se diluir.  
O que a minha alma ignora

É isso que quero pussuir!

Para quê... Se o soubesse, não faria  
Versos para dizer que inda o não sei.  
Tenho a alma pobre e fria...  
Ah, com que esmola a aquecerei? (PESSOA, 1977, p. 713).

Quando se coloca em cena o homem e o mundo, sempre nos deparamos com dois conflitos: um, que diríamos estrutural: a dor de existir. Outro, que nomearíamos de social: a dor do sintoma. O primeiro tem a ver com a estrutura do desejo e das pulsões. O segundo, abordado por Freud em *O mal estar na civilização* (1930[1929]/1996), se articula com as renúncias exigidas pelas leis sociais. O primeiro engendra sintomas ligados a três estruturas: psicose, neurose e perversão. O segundo produz novas roupas para os velhos sintomas. Se essas roupas dão origem a novas nomenclaturas, isto é outra questão. As invenções tecnológicas não eliminam o sentimento de desamparo, o temor da morte, o fracasso de todo ato sexual, já que não há relação sexual e, também, não domesticam o gozo, cujo regime é sempre do excesso. Desde que o homem, como ser falante, existe no mundo, ele tem que se virar com o impossível do bem-dizer sobre o sexo e a morte. Parodiando Fernando Pessoa (1977), diríamos: sem o desejo, “que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadaver addiado que procria?” (PESSOA, 1977, p, 76). Sem dúvida a experiência com o desejo não é apaziguante. Mas o que sustenta um desejo senão o sonho? De novo recorreremos ao ensinamento do poeta Pessoa:

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa,  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz —  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem! (PESSOA, 1977, p.84)

O que Fernando Pessoa chama de sonho não é o que Lacan nomeia de fantasia? Se for o sonho que sustenta o desejo, é preciso sonhar. E para isso é preciso, também, ceder a uma parcela de gozo, para que o sujeito possa enfim despertar para o desejo. Se o desejo é abolido, só resta a dor do sintoma. Se o desejo é desejado, permanece o saber fazer ou dizer a dor de existir.

Lacan (1985), no Seminário 20: *Mais ainda*, se pergunta para que serve o gozo e ele mesmo responde:

O gozo é aquilo que não serve para nada. Aí eu aponto a reserva que implica o campo do direito-ao-gozo. O direito não é o dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo — Goza! (LACAN, 1985, p. 11).

Lacan, em *Televisão*, retomando essa questão, afirma que o superego é estrutural e, portanto, não é “efeito da civilização”, mas é o “mal-estar (sintoma) na civilização”. (LACAN, 1993, p. 52). Esse superego, como todo tirânico, se torna o guardião do imperativo, da rigidez, da vigilância e da necessidade de punição.

Lacan, no referido texto, respondendo a pergunta que lhe fizeram sobre a diferença entre psicanálise e psicoterapia, já que “ambas só atuam por meio de palavras”, responde que o que prevalece, na prática da psicoterapia, “é a vertente do sentido, do senso” e, na prática da psicanálise é “o não-sentido da relação sexual”. (LACAN, 1993, p.21). Justamente por isto, ele acrescenta:

O bom senso representa a sugestão, a comédia, o riso. Quer dizer que isso basta, além do fato de serem pouco compatíveis? É aí que a psicoterapia, qualquer que seja, estanca, não que ela não faça algum bem, mas ela conduz ao pior. (LACAN, 1993, p.21).

É bastante comum recebermos demandas de análise de pessoas que já passaram por diversas psicoterapias, cujos recursos ortopédicos não só não abrandaram a dor dos sintomas, mas também contribuíram para a permanência do desejo em sono profundo. O

“poder das palavras” (LACAN,1993) está em saber escutá-las como significantes e não como signos. Essa é a diferença primordial entre a psicoterapia e a psicanálise.

Sem dúvida, a psicanálise anda na contramão das promessas de Felicidade. Desde Freud, sabemos que o mal-estar faz parte da relação do homem com a cultura. Mas, hoje, ao contrário de outras épocas, temos o enfraquecimento da função simbólica do pai (Nome-do-pai), produzindo, ao nível imaginário, a figura de um pai impotente, que nada tem a oferecer aos ideais de outrora. Esse processo de degradação imaginária do Outro engendra a versão contemporânea da Felicidade, que poderia ser resumida na Promessa de um gozo-a-mais. Assim,

... sem querer saber da castração, marca de sua humanidade, que não tem nada de sombrio e de trágico, o homem insiste em ignorar a impossibilidade de um gozo absoluto, dando as costas para o desejo. É porque não há a Completude que se abre um leque de opções, onde cada um deve seguir a trilha de suas singularidades, arranjando-se com as falhas do gozo e com seu desejo de descobrir os caminhos a serem percorridos durante sua existência no mundo (FERREIRA, 2002, p. 25).

A Promessa de Felicidade é substituída pelo sonho de um gozo-a-mais. O homem, filho de um pai que já se apresenta como vencido, renuncia ao desejo e fica a espera de um gozo-a-mais, quer seja um gozo para além do falo, alimentado pela fé e pela religião, quer seja um gozo fálico, ofertado pelos objetos inventados pela ciência e difundidos pelos meios de comunicação de massa. Se não se pode aprisionar o desejo, porque não há recalque sem retorno do recalçado, o desejo, tal qual a Fênix, renasce sob a forma de sintomas, os quais, revestidos de novas camuflagens se acoplam aos objetos criados pela técnica e decantados pela publicidade. Assim, caminha a humanidade...

## **BIBLIOGRAFIA**

FERREIRA, Nadiá Paulo e RODRIGUES, Marina Machado. **Psicanálise e nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

FREUD, Sigmund. A Psicoterapia da Histeria (1893). In: **Obras psicológicas completas: edição standard brasileira**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930[1929]). In: **Obras psicológicas completas: edição standard brasileira**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1977.

## **SOBRE O AUTOR**

**Nadiá Paulo Ferreira:** Professora Titular de Literatura Portuguesa/UERJ. Psicanalista do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. E-mail: [nadia@corpofreudiano.com.br](mailto:nadia@corpofreudiano.com.br)

**Eliana Luiza dos Santos Barros:** Psicóloga Clínica, Mestranda em Literatura Portuguesa/UERJ, psicanalista em formação/Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. E-mail: [elianaluiza@globo.com](mailto:elianaluiza@globo.com)